

COLUNA FALA Por César Gomes

ERA UMA VEZ..., EDUARDA

Um jovem de aproximadamente 28 anos, voltando a noite para a sua casa, pela ponte sobre o Rio Esperança, que dava acesso do Centro ao bairro, avistou uma jovem pronta a saltar para a morte.

Ele se encantou com a visão dela linda num vestido florido, bela maquiagem, cabelos lisos flamulando, aparentando ter 22 anos.

Cautelosamente ele se aproximou da jovem, disse boa noite e perguntou seu nome.

Eduarda, disse ela num murmúrio muito sofrível.

Eduarda, repetiu ele, és muito bela para suportar tanto sofrimento, posso abraçá-la, para confortá-la um pouco nesse momento de dor?

Permissão concedida ele a envolveu num abraço reconfortante, secou suas lágrimas e lhe fez alguns carinhos.

Comentou que por nada e por ninguém valeria a pena acabar com a própria vida; a jovem já incerta de sua decisão, crendo na bondade humana esboçou no canto dos lábios um tímido sorriso.

O jovem, atraído por aquele singelo sorriso aproximou os seus lábios e trocaram um longo beijo de apaixonados.

Já calma e equilibrada, Eduarda, respondendo ao jovem falou de sua amargura:

Disse ela: meus pais não me aceitam, vários amigos se afastaram de mim, sinto-me muito só. Eu quero continuar a ser reconhecida como Eduarda, Carlos Eduardo já não existe neste corpo que agora é feminino.

Até hoje, não se sabe se Eduarda se jogou da ponte ou foi o jovem que a empurrou!

O texto Era UMA VÊZ EDUARDA é uma piada, diga se de passagem uma piada ácida.

No entanto, traz uma narrativa criativa/inteligente, do ponto de vista da capacidade de elaboração de história.

Contudo, não podemos perder de vista que há uma intencionalidade oculta nesta narrativa: e qual é?

Sentença de morte as pessoas transexuais.

O texto tem indícios de que o rapaz empurrou Eduarda para a morte após saber de sua condição de mulher transexual.

Perceba que a este corpo, pela narrativa do texto, lhe é negado o afeto/acolhimento familiar; é negado o direito de ir, vir e permanecer como preconiza a Constituição Federal, é negado o direito ao amor carnal, é negado a vida.

O texto embora criativo, inteligente, “engraçado”, traz em sua essência uma comunicação violenta, porque está é a intenção de quem a elaborou, camuflar a intenção para se defender de

um possível ataque: “ah, mas não é isso que queria dizer”, “esse povo é cheio de mimimi”, “tão se fazendo de vítima”

Volto a dizer: a piada mata tanto ou mais que a bala.

Mata a capacidade de sociabilidade.

Mata a autoestima.

Mata o desejo de luta.

Mata a mente sã

Mata o copo sã.

E quando rimos de uma piada racista, LGBTfóbica, sexista, xenofóbica gordofóbica, entre outras, estamos fortalecendo e aplaudindo o algoz opressor. Direta ou indiretamente estamos armando as mãos dos assassinos o que nos faz cúmplices em segundo grau.

E quando rimos, não estamos rindo apenas da piada, estamos rindo do amigo, colega, parente, da cunhada/cunhado, do irmão ou irmã de fulano que é negra, LGBT, gorda, PcD, nordestina, mulher etc.

Existem piadas excelentes que não passam pela opressão, que não acirram a discriminação.

A mente é um campo fértil, a piada é a semente lançada. Para algumas mentes será apenas uma piada, para algumas nem entenderão a piada, para alguns uma sentença para diferenciar e manter distância, para outras mentes será uma ordem para atacar ou matar, para as vítimas citadas nas piadas será sempre sentença de chacota, opressão e morte: morte física, mental, social.

Não dá para mensurar o alcance de cada piada, mas podemos afirmar que ele é uma ferramenta importante para a manutenção das violências, discriminações, de enxergar o outro como diferente de si, portanto detentor de menor direito que tu.

Graças ao universo moramos num país democrático onde você pode escolher em fazer o bem ou o mal; escolha o “BEM”.

ESCOLHA MANTER O DIREITO DE VIDA DE TODAS AS EDUARDAS.

César Gomes